

LER PESSOA

jerónimo
pizarro
ler pessoa

LISBOA
TINTA - DA - CHINA
M M X V I I I

© 2018, Jerónimo Pizarro
e Edições Tinta-da-china

Edições Tinta-da-china
Rua Francisco Ferrer, n.º 6 -A
1500-461 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28/29
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *Ler Pessoa*
Autor: Jerónimo Pizarro
Coordenador da colecção: Jerónimo Pizarro
Revisão: Rita Almeida Simões
Composição: Tinta-da-china (Pedro Serpa)
Capa: Tinta-da-china (Vera Tavares)

1.ª edição: Maio de 2018
ISBN 978-989-671-438-3
DEPÓSITO LEGAL n.º 440392/18

ÍNDICE

Nota prévia	7
1. Pluralidade	9
2. Unidade	27
3. Interpretação	47
4. Heteronimismo	63
5. Alberto Caeiro	85
6. Álvaro de Campos	105
7. Ricardo Reis	125
8. Livro do Desassossego	141
Bibliografia	161
Nota biográfica	175

NOTA PRÉVIA

Tendo editado e traduzido Pessoa, tendo mantido uma revista acadêmica internacional, dedicada a estudos sobre Fernando Pessoa (*Pessoa Plural*), tendo organizado encontros e participado em eventos sobre temas de língua e cultura portuguesa, hoje sinto, com gratidão, que ler Pessoa me levou um dia a descobrir «toda uma literatura» (Pessoa, 2009b, pp. 296, 356, 576), quer a do próprio Pessoa, que utilizou esta expressão, quer a escrita em português. Ler Pessoa levou-me a ler mais Pessoa e até livros da sua biblioteca particular. Ler Pessoa levou-me a ler os seus inúmeros leitores, os seus mais alquímicos críticos e os seus diversos biógrafos. Ler Pessoa mudou a minha vida e daí eu ter aceiteado o título proposto por Carlos Pittella para um livro recente: *Como Fernando Pessoa Pode Mudar a Sua Vida* (Rio de Janeiro, 2016; Lisboa, 2017). Para mim, ler Pessoa é entrar num universo, ou melhor, num «universão», como Álvaro de Campos descreveu Walt Whitman (Pessoa, 2014c, p. 571). Espero que este livro convide a visitar e visitar esse «universão». A ler e reler Pessoa. A entrar e a sair de Pessoa.

Este livro, como *O Silêncio das Sereias* (2015), é também um «repositório de dádivas e dívidas» (Medeiros, 2015, p. 13). Basta-me lembrar alguns nomes, para além dos que estão na bibliografia, para esboçar um mapa desse repositório: Ricardo Viel, Rosana Zanelatto, Lilian Jacoto, Manuel Portela, Michela Graziani, Beatrice Tottossy, José Correia, Claudia Sousa, Marta Gonçalves, Edvaldo Bergamo, Ana Clara Magalhães, João Pignatelli, Sandra Ferreira, Isabel Caldeira, Maria Irene Ramalho, Ana Falcato, Antonio Cardiello, José Barreto, Vasco Silva, Manuel Borrás, Jorge Wiesse, Mario Barrero, Daniel Balderson, Richard Correll, João Cezar de Castro Rocha, Patricio Ferrari, Filipa de Freitas, Piero Ceccucci, Giulia Lanciani, Joana Matos Frias, Jorge Bastos da Silva, Gonçalo Vilas-Boas, Onésimo Almeida, Rodrigo Xavier, Jorge Uribe, Antonio Sáez Delgado, Dinu Flamand, Carlos Reis, Leyla Perrone-Moisés, e muitos outros. Também terei de referir a equipa toda da Tinta-da-china e tantos amigos. Este livro fica mais do que dedicado, *in memoriam*, a uma amiga: Nandia Vlançou.

1 . PLURALIDADE

A pluralidade da obra de Fernando Pessoa — que também pode ser entendida como a pluralidade do seu criador — é responsável, em grande medida, pela atracção que desde há décadas vem desencadeando a obra pessoana, como se de um abismo se tratasse, como se, por meio dela, assomássemos ao abismo do ser. «Que Deus atrás de Deus o ardil começa»¹, pergunta Jorge Luis Borges, sugerindo a ausência de um deus original responsável pela criação. E Pessoa, que poderia ter sido essa instância geradora no caso das suas criações, parece responder a Borges, afirmando que «o deus que faltava» não foi ele, mas Alberto Caeiro, por ele próprio concebido². Ora, se Caeiro, que foi inventado, é o «Deus atrás de Deus», Pessoa, seu inventor, passa a ser uma

1 Veja-se o final do poema «Ajedrez», de *El Hacedor*: «Dios mueve al jugador, y éste, la pieza. | ¿Qué Dios detrás de Dios la trama empieza | de polvo y tiempo y sueño y agonías?» Jorge Luis Borges (2005, tomo 2, p. 203).

2 Num valioso ensaio sobre Alberto Caeiro, «‘O Deus que Faltava’: Pessoa’s Theory of Lyric Poetry», Maria Irene Ramalho (2013) recupera um verso famoso do poema VIII de *O Guardador de Rebanhos*: «Elle é a Eterna Creança, o deus que faltava...» Os manuscritos caeirianos podem ser consultados na página na Internet da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP) <http://purl.pt/1000/1/alberto-caeiro/index.html> (cf. Pessoa, 2006b).

criação de Caeiro e deixa de ser possível chegar a uma instância suprema, posto que esta ou não existe, ou é apenas uma invenção de todas as outras. Deste modo, Pessoa afirma ter-se tornado um discípulo de Alberto Caeiro, tal como Álvaro de Campos, outra criação de Pessoa, nos diz que tanto ele, como Ricardo Reis e Alberto Mora, apenas se transformaram no que realmente valia a pena serem após «passarem» por Caeiro, «pelo passador d'aquella intervenção carnal dos Deuses»³. Nesta ocasião, não me interessa discutir a verdade histórica da ficção, mas admitir, com Wallace Stevens, que a poesia é a ficção suprema e aceitar a verdade poética da génese dos três heterónimos de Fernando Pessoa (Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis), pois creio que esta ficção, composta por cada uma das ficções individuais chamadas heterónimos, ou «pessoas-livros»⁴, é responsável por essa atracção exercida pela obra pessoana sobre todos nós.

Deste modo, aquilo a que me proponho é analisar três leituras possíveis da obra em questão, três formas críticas de abordar que, a meu ver, vão continuar a traçar os caminhos pelos quais os leitores chegam a essa obra. Evocando Pirandello, diria que Pessoa pode ser visto como um, nenhum ou cem mil⁵. Quem tem construído um Pessoa mais indiviso? Quem tem militado a favor de um mais vazio? E quem defende um poeta mais

múltiplo? Estas páginas serão dedicadas a responder a estas perguntas. Hoje, que continuamos a debater o número total de *dramatis personæ* inventadas por Pessoa, creio que convém retomar a clássica questão colocada por Jacinto do Prado Coelho: unidade ou diversidade?

Indo ao encontro dessa interrogação, que não creio venha a perder actualidade enquanto existirem os estudos pessoais, vou ater-me a três obras clássicas que, na minha opinião, representam bem as três perspectivas críticas acima mencionadas: *Diversidade e Unidade* (1949), que apresenta um Pessoa mais unitário; *Aquém do Eu, Além do Outro* (1982), que defende um Pessoa com menos existência; e *Pessoa por Conhecer* (1990), que revela um poeta mais diverso. Naturalmente, remeto-me apenas a estas três obras e não a muitíssimas outras possíveis, com o fito de simplificar a análise, mas também porque cada uma delas se afirmou como um marco crítico no seu momento histórico. Hoje, é justo recordá-las e propor um esquema de leitura com base nos seus pressupostos, que poderia até ser muito mais complexo, mas que, para os objectivos deste ensaio, não é absolutamente necessário que o seja. Ao fim e ao cabo, o ponto de partida está constituído por três vectores — um, nenhum e cem mil —, que definem um conjunto de coordenadas bastante amplo. Já Antonio Tabucchi, por exemplo, referindo-se a Pessoa, costumava falar, como tantos outros críticos, através de oximoros: *Una sola multitudine* (1979) ou *Un baule pieno di gente* (1990).

Começemos por analisar o livro de Jacinto do Prado Coelho, que inicialmente foi publicado sob a forma de um suplemento da revista *Ocidente*, em 1949, e que, todavia, em princípios da década de 1980, foi ainda considerado por Leyla Perrone-Moisés como «a melhor introdução à leitura de Pessoa» (1982, p. 6).

3 Cf. «Em torno do meu mestre Caeiro havia, como se terá depreendido d'estas páginas, principalmente trez pessoas — o Ricardo Reis, o Antonio Mora e eu [Álvaro de Campos]. [...] E todos nós trez devemos o melhor da alma que hoje temos ao nosso contacto com o meu mestre Caeiro. Todos nós somos outros — isto é, somos nós mesmos a valer — desde que fomos passados pelo passador d'aquella intervenção carnal dos Deuses» (Pessoa, 2012b, p. 101; 2014c, pp. 459-460).

4 «A dentro do meu mester, que é o litterario, sou um profissional, no sentido superior que o termo tem; isto é, sou um trabalhador scientifico, que a si não permite que tenha opiniões extranhas á especialização litteraria, a que se entrega. E o ter nem esta, nem aquella, opinião philosophica a proposito da confecção d'estas pessoas-livros, tampouco deve induzir a crer que sou um sceptico» (Pessoa, 2010, tomo 1, p. 447).

5 Recordeemos uma das suas novelas mais famosas: *Uno, nessuno e centomila* (1926).

Em *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*, escrito entre 1947 e 1949, Prado Coelho traça um retrato das seis individualidades poéticas de Fernando Pessoa (Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Fernando Pessoa lírico, Fernando Pessoa autor de *Mensagem*, Álvaro de Campos e Bernardo Soares), propõe cinco temas ou motivos centrais a essas seis individualidades e procura «surpreender a unidade essencial implícita na diversidade das obras ortónimas e heterónimas» ([1949] 1991, p. 11), tendo em conta, fundamentalmente, questões estilísticas e a existência de um drama total, caracterizado pelo desejo de absoluto e o cepticismo inexorável que, a seu ver, convergem em Fernando Pessoa. Prado Coelho imagina um eixo e descreve cada individualidade como uma linha axial, que, temática e estilisticamente, estaria unida a esse eixo. O Pessoa de Prado Coelho é um Pessoa radiante, pleno, luminoso como um corpo celeste. Não é um astro entre astros, nem um planeta isolado, mas o próprio sol de um determinado universo; daí que o crítico português possa corroborar, em modo de conclusão, «a existência de uma personalidade única, verdadeiramente inconfundível» ([1949] 1991, p. 12), e tornar patente a sua genialidade.⁶

Prado Coelho pretendeu, em suma, «descobrir a unidade psíquica na polimorfia» ([1949] 1991, p. 73), insistiu, num acto de fé, na existência de «um núcleo de personalidade una», «um denominador estilístico insofismável» ([1949] 1991, p. 122), opondo-se às invectivas de Campos contra o dogma da personalidade em *Ultimatum* (1917) e, finalmente, não aceitando como

⁶ É interessante notar que Prado Coelho desdobrou Pessoa em Fernando Pessoa lírico e Fernando Pessoa autor de *Mensagem*, o que nos permite suspeitar que poderia tê-lo desdobrado também, para lá da lírica e da épica, em Fernando Pessoa autor de *Fausto*, por exemplo, se o *Fausto* tivesse sido publicado antes de 1949. Veja-se a edição do *Fausto* preparada por Carlos Pittella (Pessoa, 2018).

verídicas algumas afirmações de Pessoa, o «insincero verídico» (Monteiro, 1954), em que o escritor procurou distinguir de si mesmo as suas figuras sonhadas. Enquanto Leyla Perrone-Moisés, como veremos, se deixou levar pela corrente de algumas imagens pessoanas que iam ao encontro das investigações sobre o sujeito poético na década de 1970, Prado Coelho resistia a aceitar a ficção das ficções pessoanas e, ainda que Pessoa tenha dito que era o menos existente da sua criação, o crítico aferrava-se ao porto seguro ou à terra firme de «uma unidade psíquica básica» ([1949] 1991, p. 73), à qualidade misteriosa de um mundo único e original, próprio do génio, e aos «rasgos linguísticos comuns» ([1949] 1991, p. 152) da obra pessoana, que, inclusive, foram corroborados num ensaio de estilística lexical, em 1969, através de uma análise computacional.

Confesso que compreendo bem a atitude de Jacinto do Prado Coelho, ainda que a considere excessiva. Por vezes, parece-nos que Fernando Pessoa é algo volátil, ou algo que muitos críticos volatizam, e é como se tudo o que é sólido se dissolvesse no ar, para glosar Marshall Berman (1982). Pessoa deixa de ser Pessoa, alguém que existiu — vou abster-me de dizer «realmente existiu» — entre 1888 e 1935, e converte-se numa miríade de figuras, numa grande encenação e no nome de uma nova galáxia. Como poeta proteico ou possuído, Pessoa deixa de ser o paciente artesão de uma obra, para dar lugar ao *medium* de figuras não por inteiro suas, que o usavam como via de acesso ao mundo. Prado Coelho, com alguma irritação (cf. «Pessoa teria gerado Campos como as fêmeas dão à luz os filhos», [1949] 1991, p. 159), insiste numa visão diferente da poesia e do poeta, não como inspiração e arrebatamento de um ser excepcional, de origem platónica, mas como artífice de um ser uno e único. Proteger Pessoa da desagregação foi a fórmula de Prado Coelho

para amuralhar o génio pessoano, génio mais pela sua unidade do que pela sua capacidade de despersonalização, considerando o crítico que esta seria «muito relativa» ([1949] 1991, p. 165). Como afirmei, compreendo a postura de Prado Coelho, apesar de esta raiar, por vezes, o essencialismo (cf. «afinidades que deixam adivinhar uma unidade essencial», [1949] 1991, p. 165) e já albergar a sua antítese, que, de certa forma, foi proposta mais por quem defendeu um Pessoa nulo do que pelos partidários do poeta múltiplo. Passemos ao segundo livro, aquele de 1982.

(Parêntesis: pensemos no chamado disco de Newton, que descobriu que a luz branca do Sol é composta pelas cores do arco-íris e, para demonstrá-lo, fez girar velozmente um disco com essas cores, que, passados uns segundos, formaram, juntas, a cor branca. Enquanto a cor negra é a ausência de todas as cores quando não há luz, o branco contém todas as cores que conseguimos ver, pois é constituído por todos os comprimentos de onda do espectro visível. Uma dupla possibilidade: podemos ver Pessoa dividido em muitas cores ou indivisamente branco, dependendo se o disco está fixo ou em rotação. Mas trata-se de uma ilusão. Outra possibilidade: podemos imaginar Pessoa como um prisma que refracta, reflecte e decompõe a luz nas cores do arco-íris. Mas, nesse caso, ele seria não a fonte de luz, mas um meio transparente.)

Leyla Perrone-Moisés, que foi aluna de Roland Barthes e que se tornou, com o tempo, coordenadora da colecção «Roland Barthes» da editora brasileira WMF Martins Fontes, publicou em 1974 um ensaio na revista *Tel Quel*, «Pessoa Personne?», ensaio que serviria de base ao seu livro *Fernando Pessoa, Aquém do Eu, Além do Outro* (1982), publicado no mesmo ano da primeira edição do *Livro do Desassossego* (1982). O seu ensaio pode ser considerado como equivalente a «La mort de l'auteur» (1968), de Barthes, no campo da bibliografia pessoana — uma espécie

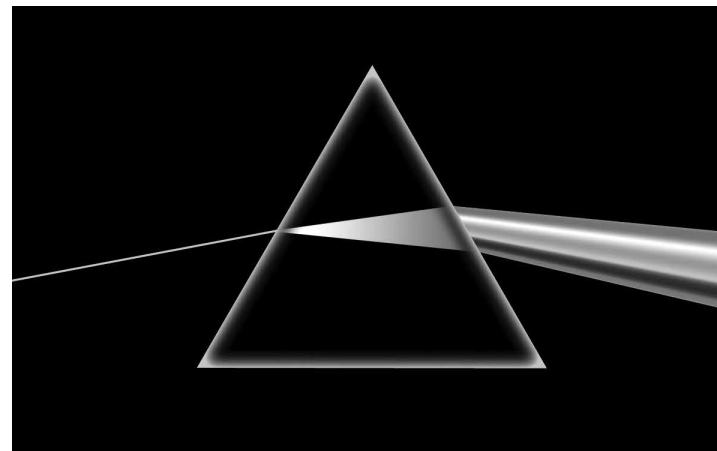


FIG. 1. DISPERSÃO ÓPTICA (OU CROMÁTICA); ESTA IMAGEM FOI A CAPA DO ÁLBUM *THE DARK SIDE OF THE MOON* (1973), DOS PINK FLOYD.

de «La mort de Pessoa» — e o seu livro é, paradoxalmente, uma das melhores introduções ao *Livro do Desassossego*, ainda que a autora conhecesse apenas alguns dos fragmentos dessa obra (como o texto que propõe uma estética da abdicação, por exemplo, e faz parte das *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*, 1966, p. 63). Interessa salientar que tudo teve origem entre 1973 e 1974, quando Perrone-Moisés, obcecada pelas suas leituras da obra pessoana e jogando com a negação que resulta do vocábulo francês «personne», lançou uma provocação na revista dirigida por Philippe Sollers: «Pessoa é ninguém» (1982, p. 3), com e sem ponto de interrogação, num gesto desafiador, que se repetiria na bibliografia pessoana, no ano de 2012: *Pessoa Existe?* (Lisboa, Ática).

O objectivo de Leyla Perrone-Moisés era «estudar porque e como Pessoa é um *ninguém*; mas, principalmente, mostrar como esse *ninguém* fez-se *alguém*, coisa de que o próprio Poeta chegou

17/196

Cesario Verde.

/por ordem de edades,

Houve em Portugal, no seculo dezanove, trez poetas, e trez sçmente, a quem legitimamente compete a designação de mestres. São elles/Anthero de Quental, Cesario Verde e Camillo Pessanha. Com a excepção de Anthero, todavia dubitativamente accete e extremamente combatido, coube a todos trez a sorte normal dos mestres - a incompreensão em vida, nos mesmos (como em Byron, derivando de Wordsworth e combatendo-c) sobre quem exerceram influencia.

A celebridade raras vezes acolhe os genios em vida, salvo se a vida é longa, e lhes chega no fim d'ella. Quasi nunca acolhe aquelles genios especiaes, em quem o dom da criação se juncta ao da novidade; que não synthetizam, como Milton, a experiencia poetica anterior, mas estebelecem, como Shakespeare, um novo aspecto de poesia. Assim, e nos exemplos comparativamente citados, ao passo que Milton, embora sem pequenez para ~~se~~ ver accete pelo vulgo, foi de seu tempo tido como grande com a grandeza que tinha, Shakespeare não foi apreciado pelos contemporaneos senão como comico.

Com Anthero de Quental se fundou entre nós a poesia metaphysica, até alli não só ausente, mas organicamente ausente, da nossa litteratura. Com Cesario Verde se fundou entre nós a poesia objectiva, igualmente ignorada entre nós. Com Camillo Pessanha a poesia do vago e do impressivo tomou forma portugueza. Qualquer dos trez, porque qualquer é um homem de genio, é grande não só a dentro ~~de~~ de Portugal, mas em absoluto.

Os restantes poetas tiveram o seu tempo, e quem tem o seu tempo não pode ter os outros. O que os deuses dão, vendem-o, diziam os gregos. Junqueiro morreu logo que morreu. O mesmo Pascoaes está moribundo. Não que d'estes poetas ~~se~~ mais celebres que immortaes não fique nada. Ficam poemas; a obra, porém, não fica.

Este phenomeno tem uma explicação, porque tudo tem uma explicação. A celebridade consiste numa adaptação ao meio; a immortalidade numa adaptação a todos os meios. Quando se diz que a posteridade começa na fronteira, assim, em certo modo se entende.



FIG. 38. «CESARIO VERDE» (BNP/E3, 14E-40^v)

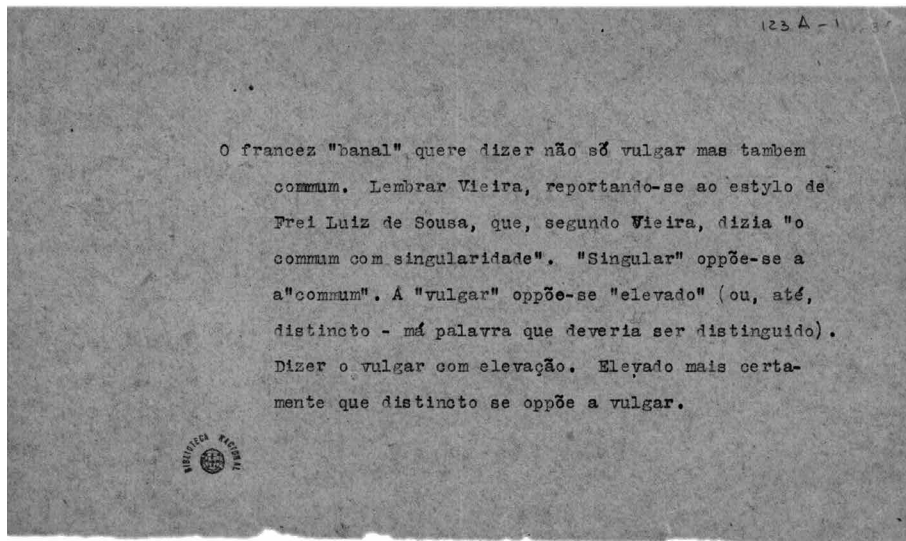


FIG. 39. «O FRANCEZ BANAL...» (BNP/E3, 123A-1^a)

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Onésimo (2014). *Pessoa, Portugal e o Futuro*. Lisboa: Gradiva.
- (1987). *Mensagem: uma tentativa de reinterpretação*. Angra do Heroísmo: Secretaria Regional da Educação e Cultura.
- BARRERO, Mario (2013) (org.). *La heteronimia poética y sus variaciones trasatlánticas*. Bogotá: Ediciones Uniandes.
- BARRETO, José (2007). «Fernando Pessoa — racionalista, livre-pensador e individualista: a influência liberal inglesa», em Steffen Dix e Jerónimo Pizarro (orgs.). *A Arca de Pessoa: novos ensaios*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, pp. 109-127.
- BARTHES, Roland ([1968] 1984), «La mort de l'auteur», em *Le bruissement de la langue. Essais critiques* IV. Paris: Editions du Seuil, pp. 63-69.
- BELKIOR, Silva (1988). *Texto Crítico das Odes de Fernando Pessoa — Ricardo Reis: tradição impressa revista e inéditos*. Lisboa: INCM.
- (1983). *Fernando Pessoa — Ricardo Reis: os originais, as edições, o cânone das Odes*. Lisboa: INCM.
- BERMAN, Marshall (1982). *All that is solid melts into air: the experience of modernity*. Nova Iorque: Simon and Schuster.
- BLANCO, José (2008). *Pessoana — 1, Bibliografia passiva, selectiva e temática*; 2, Índices. Lisboa: Assírio & Alvim. 2 tomos.
- (1983). *Fernando Pessoa: esboço de uma bibliografia*. Lisboa: INCM; Centro de Estudos Pessoaanos.

- BLOOM, Harold (1973). *The Anxiety of Influence: a theory of poetry*. Nova Iorque: Oxford University Press.
- BORGES, Jorge Luis (2005). *Obras completas*. Buenos Aires: Emecé. Nueva edición revisada y corregida. 4 tomos.
- BOTTO, António (2010). *Canções*. Tradução parcial para inglês de Fernando Pessoa; edição, prefácio e notas de Jerónimo Pizarro e Nuno Ribeiro. Lisboa, Guimarães, 2010. Coleção Pessoa Editor.
- BOWERS, Fredson (1970 [1963]), «Textual criticism», em James Thorpe (ed.), *The Aims and Methods of Scholarship in Modern Languages and Literatures*, Nova Iorque: Modern Language Association, pp. 29-54.
- BRÉCHON, Robert (1996). *Étrange étranger: une biographie de Fernando Pessoa*. Paris: Christian Bourgois.
- CASTRO, Ivo (2013). *Editar Pessoa*. Lisboa: INCM. 2.^a ed. aumentada.
- (1999). «Filologia do texto pessoano», em *Actas do Congresso Internacional organizado por motivo dos vinte anos do Português no Ensino Superior*. Budapeste: Universidade Eötvös Loránd, pp. 95-106.
- (1996). «Parole d'auteur contre parole de dossier: sémiotique de l'archive chez Fernando Pessoa», *Genesis*, n.º 10, Paris, pp. 59-72.
- (1990). *Editar Pessoa*. Lisboa: INCM.
- (1985). «Fernando Pessoa — Ricardo Reis: os originais, as edições, o cânone das Odes, de Silva Belkior», *Colóquio/Letras*, n.º 88, Lisboa, Novembro, pp. 156-159 (<http://colouquio.gulbenkian.pt/bib/sirius.exe/iss ueContentDisplay?n=88&p=156 &o=p>).
- CASTRO, IVO; DIONÍSIO, João; PRISTA, Luís; SILVEIRA, José Nobre da (1992). «Eliezer: ascensão e queda de um romance pessoano», *Revista da Biblioteca Nacional*, série 2, vol. 7, n.º 1, Janeiro-Junho, pp. 75-136.
- CAVALCANTI FILHO, José Paulo (2011). *Fernando Pessoa: uma quase autobiografia. Amores, ofícios, a arte de fingir, seus 127 heterônimos, o gênio e a liturgia do fracasso*. Apresentação de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Record.
- COELHO, António Pina (1971). *Os Fundamentos Filosóficos da Obra de Fernando Pessoa*. Lisboa: Verbo. 2 tomos.
- (1966). «Algumas peças de ficção ainda inéditas de Fernando Pessoa», *Brotéria*, vol. 83, n.º 10, Outubro, Lisboa, pp. 332-343.

- COELHO, Jacinto do Prado ([1949] 1991). *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*. Lisboa: Verbo. 10.^a ed. (várias edições, tais como a 3.^a, de 1969, a 6.^a ed., de 1980, e a 7.^a ed., de 1982, foram revistas e aumentadas).
- CONSTÂNCIO, João (2016). «Pessoa & Nietzsche: sobre 'não ser nada'», em Bartholomew Ryan, Marta Faustino e Antonio Cardiello (eds.). *Nietzsche e Pessoa: ensaios*. Lisboa: Tinta-da-china, pp. 161-184.
- CONTINI, Gianfranco (1970). *Varianti e altra linguistica. Una raccolta di saggi (1938-1968)*. Turim: Einaudi.
- CRESPO, Ángel (1988). *La vida plural de Fernando Pessoa*. Barcelona: Seix Barral.
- CUNHA, Teresa Sobral (1987). «Fernando Pessoa em 1935. Da ditadura e do ditador em dois documentos inéditos», *Colóquio-Letras*, n.º 100, Lisboa, Novembro-Dezembro, pp. 123-131 (<http://colouquio.gulbenkian.pt/bib/sirius.exe/iss ueContentDisplay?n=100&p=123&o=r>).
- DAL FARRA, Maria Lúcia (1997). «Florabela: um caso feminino e poético», em *A Planície e o Abismo* (Actas do Congresso sobre Florbela Espanca realizado na Universidade de Évora, de 7 a 9 de Dezembro de 1994). Lisboa: Vega, pp. 145-161.
- DERRIDA Jacques; WOLFREYS, Julian (1998). *Writing Performances*. Lincoln: University of Nebraska Press.
- DIX, Steffen; PIZARRO, Jerónimo (2007) (orgs.). *A Arca de Pessoa: novos ensaios*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- DUARTE, Luiz Fagundes (2006). «Pessoa Desassossegado», em Gilda Santos (org.). *Fernando Pessoa, Outra vez te revejo*. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura/Lacerda Editores, pp. 97-114.
- (1988). «Texto acabado e texto virtual ou a cauda do cometa», *Revista da Biblioteca Nacional*, série 2, vol. 3, n.º 3, 1988, pp. 167-181.
- Eco, Umberto (1990a). *I limiti dell'interpretazione*. Milão: Bompiani.
- (1990b). *Interpretation and Overinterpretation: world, history, texts*. The Tanner Lectures on human values. Clare Hall, Cambridge University, 7 e 8 de Março de 1990 (http://tannerlectures.utah.edu/_documents/a-to-z/e/Eco_91.pdf).
- (1962). *Opera aperta: forma e indeterminazione nelle poetiche contemporanee*. Milão: Bompiani.
- Eco, Umberto; RORTY, Richard; CULLER, Jonathan;

- BROOKE-ROSE, Christine (1992). *Interpretation and Overinterpretation*. Stefan COLLINI (ed.). Cambridge: Cambridge University Press.
- FERNANDO PESSOA. CORAÇÃO DE NINGUÉM (1985). Comissário: José Blanco; plano da exposição, pesquisa e selecção: Teresa Rita Lopes et al. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Exposição apresentada na Fundação Calouste Gulbenkian, em Dezembro de 1985, pela Comissão Executiva das Comemorações do Cinquentenário da Morte de Fernando Pessoa.
- FERRARI, Patricio (2011). «On the Margins of Fernando Pessoa's Private Library: A Reassessment of the Role of Marginalia in the Creation and Development of the Pre-heteronyms and in Caetano's Literary Production», *Luso-Brazilian Review*, vol. 48, n.º 2, University of Wisconsin-Madison, Outono, pp. 23-71.
- FERREIRA, António Mega (2005). *Fazer pela Vida: um retrato de Fernando Pessoa, o empreendedor*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- FOUCAULT, Michel (2000). *O Que É Um Autor?* Tradução de António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Lisboa: Vega. 4.ª ed. — (1969). «Qu'est-ce qu'un auteur?», *Bulletin de la Société française de philosophie*, n.º 3, Julho-Setembro, pp. 73-104.
- GABLER, Hans Walter (1984). «The Synchrony and Diachrony of Texts: Practice and Theory of the Critical Edition of James Joyce's *Ulysses*», em D. C. Greetham e W. Speed Hill (eds.). *Text. Transactions of the Society for Textual Scholarship*. Nova Iorque: AMS Press, pp. 305-326.
- GAGLIARDI, Caio (2012). «De Uma Mansarda Rente ao Infinito: A outra cidade no *Livro de Desassossego*», *Veredas*, n.º 17, Santiago de Compostela, pp. 19-40 (<http://revistaveredas.org/index.php/ver/article/view/68/68>).
- GALHOZ, Maria Aliete (2007). «O Equívoco de Coelho Pacheco», em Luiz Fagundes Duarte e António Braz de Oliveira (orgs.). *As Mãos da Escrita*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, pp. 374-377. 25 anos do Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea (ACPC) (<http://purl.pt/13858/1/volta-textos/equivoco-coelho-pacheco.html>).
- GOMES, Jesué Pinharanda (1969). «Fernando Pessoa, pensador (na publicação dos inéditos em prosa)», em *Pensamento Português* 1. Braga: Pax, pp. 70-78.

- GOMES, José António (2008). *Poesia de Fernando Pessoa para Todos*. Ilustrações de António Modesto. Porto: Porto Editora.
- GREETHAM, David (1998). *Textual Transgressions: Essays towards the Construction of a Biobibliography*. Nova Iorque-Londres: Garland Publishing.
- GUSMÃO, Manuel (1986). *O Poema Impossível: o «Fausto» de Pessoa*. Lisboa: Caminho.
- HOUCADE, Pierre (2016). *A Mais Incerta das Certezas: itinerário poético de Fernando Pessoa*. Edição e tradução de Fernando Carmino Marques. Lisboa: Tinta-da-china. Coleção Ensaio sobre Pessoa.
- ISELLA, Dante (1987). *Le carte mescolate. Esperienze di filologia d'autore*. Pádua: Liviana Editrice.
- JACKSON, David K. (2010). *Adverse Genres in Fernando Pessoa*. Oxford-Nova Iorque: Oxford University Press.
- JÚDICE, Manuela (2007). *O Meu Primeiro Fernando Pessoa*. Ilustrações de Pedro Proença. Lisboa: Dom Quixote.
- KLOBUCKA, Anna; SABINE, Mark (2007). *Embodying Pessoa. Corporeality, Gender, Sexuality*. Toronto: University of Toronto Press.
- LÉVI-STRAUSS, Claude (1964). *Mitológicas*, tomo 1, *Lo crudo y lo cocido*. México: Fondo de Cultura Económica.
- LIND, Georg Rudolf (1983). «O *Livro de Desassossego*: um breviário do decadentismo», *Persona*, n.º 8, Porto, pp. 21-27.
- LOPES, Teresa Rita (2011a), «O seu a seu dono», *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n.º 1058, Lisboa, 20 de Abril a 3 de Maio, pp. 10-11 (<http://jornaldeletras.assineja.pt/V/principal/1058>).
- (2011b), «Pessoa desapossado de Coelho Pacheco» [o título figura no índice da publicação, a qual esteve online], *Modernista — Revista do Instituto de Estudos sobre o Modernismo*, vol. 1, n.º 1, Lisboa, pp. 117-127.
- (1999). «O uso das variantes de autor em Fernando Pessoa», em *Actas do Congresso Internacional organizado por motivo dos vinte anos do Português no Ensino Superior*. Budapeste: Universidade Eötvös Loránd, pp. 85-94.
- (1990). *Pessoa por Conhecer — 1, Roteiro para uma exposição; 2, Textos para um novo mapa*. Lisboa: Estampa. 2 tomos.
- (1985). *Fernando Pessoa: le théâtre de l'être. Textes rassemblés, traduits et mis en situation*. Paris: La Différence.
- (1977). *Fernando Pessoa et le drame symboliste*. Héritage

- et création*. Prefácio de René Etiemble. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian; Centro Cultural Português.
- LOURENÇO, Eduardo (1993). «O Livro do Desassossego, texto suicida?» [1984], em *Fernando Rei da Nossa Baviera*. Lisboa: INCM, pp. 81-95.
- (1973). *Fernando Pessoa Revisitado: leitura estruturante do drama em gente*. Porto: Inova.
- MAILLOUX, Steven (1982). *Interpretative Convention: the reader in the study of american fiction*. Ithaca-Londres: Cornell University Press.
- MARTINHO, Fernando (2008). «'Aquela grande certeza sinfónica': Bernardo Soares e Vieira», *Românica*, n.º 17, Lisboa, pp. 79-88.
- McGANN, Jerome J. (1992 [1983]). *A Critique of Modern Textual Criticism*. Charlottesville: University Press of Virginia.
- McKENZIE, D.F. (1986). *Bibliography and the Sociology of Texts*. Londres: British Library.
- MEDEIROS, Paulo de (2015). *O Silêncio das Sereias. Ensaio sobre o Livro do Desassossego*. Lisboa: Tinta-da-china. Coleção Ensaio sobre Pessoa.
- (2013). *Pessoa's Geometry of the Abyss: modernity and the Book of Disquiet*. Oxford: Legenda; Modern Humanities Research Association and Maney Publishing.
- MONTEIRO, Adolfo Casais (1954). *Fernando Pessoa, O Insincero Verdico*. Lisboa: Inquérito.
- MONTEIRO, George (2000). «Drama in Character: Robert Browning», *Fernando Pessoa and Nineteenth-Century Anglo-American Literature*. Lexington: The University Press of Kentucky.
- NIETZSCHE, Friedrich (1873). «Über Wahrheit und Lüge im außermoralischen Sinne», em Karl Schlechta (ed.), *Werke in drei Bänden*. Munique: Hanser.
- NOGUEIRA, Manuela (2015). *O Meu Tio Fernando Pessoa*. Prefácio de Richard Zenith. Fimalicão: Centro Atlântico.
- (1988). *O Melhor do Mundo São as Crianças*. Antologia de poemas e textos de Fernando Pessoa para a infância. Lisboa: Assírio & Alvim.
- PAIS, Amélia Pinto (2011). *Fernando Pessoa: o menino da sua mãe*. Porto: Areal Editores. Com novas ilustrações.
- (2007). *Fernando Pessoa: o menino da sua mãe*. Porto: Ambar.
- PAZ, Octavio (1991). «El desconocido de sí mismo» [1961], em *Obras completas*, tomo 2 («Excursiones/IncurSIONES. Dominio extranjero»). México: Círculo de Lectores — FCE, pp. 150-169.

- PERRONE-MOISÉS, Leyla (2001). *Fernando Pessoa, Aquém do Eu, Além do Outro*. São Paulo: Martins Fontes. Nova edição, revista e ampliada.
- (1982). *Fernando Pessoa, Aquém do Eu, Além do Outro*. São Paulo: Martins Fontes.
- (1974). «Pessoa Personne?», *Tel Quel*, n.º 60, Paris, Inverno, pp. 86-104.
- PERRY, Bliss (1906). *Walt Whitman: His Life and Work*. Londres: Archibald Constable and Co., Ltd; Boston e Nova Iorque: Houghton Mifflin & Co. Tem ilustrações. (CFP, 8-434) (<http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/bdigital/8-434>).
- PESSOA, Fernando (2018). *Fausto*. Edição de Carlos Pittella; colaboração de Filipa de Freitas. Lisboa: Tinta-da-china. Coleção Pessoa.
- (2016a). *Eu Sou Uma Antologia: 136 autores fictícios*. Edição de Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari. Lisboa: Tinta-da-china. Coleção Pessoa. Edição de bolso.
- (2016b). *Obra Completa de Alberto Caeiro*. Edição de Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari. Lisboa: Tinta-da-china. Coleção Pessoa.
- (2016c). *Obra Completa de Ricardo Reis*. Edição de Jerónimo Pizarro e Jorge Uribe. Lisboa: Tinta-da-china. Coleção Pessoa.
- (2015a). *Poemas de Alberto Caeiro*. Edição crítica de Ivo Castro. Lisboa: INCM.
- (2015b). *Sobre o Fascismo, a Ditadura Militar e Salazar*. Lisboa: Tinta-da-china. Coleção Pessoa.
- (2014a). *Livro do Desassossego*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Tinta-da-china. Coleção Pessoa. 2.ª ed.
- (2014b). *Livro do Desassossego*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Tinta-da-china. Coleção Pessoa. Edição de bolso.
- (2014c). *Obra Completa de Álvaro de Campos*. Edição de Jerónimo Pizarro e Antonio Cardiello; colaboração de Jorge Uribe e Filipa de Freitas. Lisboa: Tinta-da-china. Coleção Pessoa.
- (2013a). *Eu Sou Uma Antologia: 136 autores fictícios*. Edição de Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari. Lisboa: Tinta-da-china. Coleção Pessoa.
- (2013b). *Livro do Desassossego*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Tinta-da-china. Coleção Pessoa.
- (2012a). *Plural como el universo*. Edição bilingue, tradução e notas de Jerónimo Pizarro. Medellín: Tragaluz.

- (2012b). *Prosa de Álvaro de Campos*. Edição de Jerónimo Pizarro e Antonio Cardiello; colaboração de Jorge Uribe. Lisboa: Ática. Obras de Fernando Pessoa, nova série.
- (2012c). *O Regresso dos Deuses e Outros Escritos de António Mora*. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim.
- (2012d). *Teoria da Heteronímia*. Edição de Fernando Cabral Martins e Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim.
- (2011a). *Associações Secretas e Outros Escritos*. Edição de José Barreto. Lisboa: Ática. Obras de Fernando Pessoa, nova série.
- (2011b). *Cartas Astrológicas*. Edição de Paulo Cardoso, com a colaboração de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Bertrand.
- (2010). *Livro do Desasocego*. Edição crítica de Jerónimo Pizarro. Lisboa: INCM. 2 tomos.
- (2009a). *Cadernos*. Edição crítica de Jerónimo Pizarro. Lisboa: INCM.
- (2009b). *Sensacionismo e Outros Ismos*. Edição crítica de Jerónimo Pizarro. Lisboa: INCM.
- (2007). *Ricardo Reis — Poesia*. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim. 2.^a ed. revista.
- (2006a). *Escritos sobre Génio e Loucura*. Edição crítica de Jerónimo Pizarro. Lisboa: INCM. 2 tomos.
- (2006b). *Espólio de Fernando Pessoa* | Alberto Caeiro. Archivo de Cultura Portuguesa Contemporânea (ACPC). Coordenação técnica de Manuela Vasconcelos. Apresentação de Ivo Castro (<http://purl.pt/1000/1/alberto-caeiro/index.html>).
- (2006c). *Obras de Jean Seul de Mèluret*. Edição crítica de Rita Patrício e Jerónimo Pizarro. Lisboa: INCM.
- (2006d). *Poesia do Eu*. Edição de Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim. Obra Essencial de Fernando Pessoa.
- (2003a). *Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoal*. Edição de Richard Zenith; colaboração de Manuela Parreira da Silva; tradução de Manuela Rocha. Lisboa: Assírio & Alvim.
- (2003b). *Ricardo Reis — Prosa*. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim.
- (2002a). *Álvaro de Campos — Poesia*. Edição de Teresa Rita Lopes. Lisboa: Assírio & Alvim.
- (2002b). *Obras de António Mora*. Edição crítica de Luís Filipe Bragança Teixeira. Lisboa: INCM.
- (2000a). *Crítica: ensaios, artigos e entrevistas*. Edição de Fernando Cabral Martins. Lisboa: Assírio & Alvim.

- (2000b). *Poemas 1934-1935*. Edição crítica de Luís Prista. Lisboa: INCM.
- (2000c). *Ricardo Reis — Poesia*. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim.
- (1999). *Correspondência 1923-1935*. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim.
- (1998a). *Cartas entre Fernando Pessoa e os Directores da Presença*. Edição e estudo de Enrico Martines. Lisboa: INCM. Coleção Estudos.
- (1998b). *Correspondência 1905-1922*. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim.
- (1997). *Poemas de Alexander Search*, tomo 2 de *Poemas Ingleses*. Edição crítica de João Dionísio. Lisboa: INCM.
- (1994). *Poemas de Ricardo Reis*. Edição crítica de Luiz Fagundes Duarte. Lisboa: INCM.
- (1992). *Poemas de Álvaro de Campos*. Edição crítica de Cleonice Berardinelli. Lisboa: INCM.
- (1990-1991). *Livro do Desasocego*. Edição de Teresa Sobral Cunha. Lisboa: Presença.
- (1988). *Fausto. Tragédia Subjectiva*. Texto estabelecido por Teresa Sobral Cunha; prefácio de Eduardo Lourenço. Lisboa: Presença.
- (1986). *O Manuscrito de «O Guardador de Rebanhos» de Alberto Caeiro*. Apresentação e texto crítico de Ivo Castro. Lisboa: Dom Quixote.
- (1982). *Livro do Desasocego*. Recolha e transcrição dos textos de Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha; prefácio e organização de Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática. 2 tomos.
- (1979). *Una sola multitudine*. Edição bilingue de Antonio Tabucchi; colaboração de Maria José de Lancastre. Milão: Adelphi Edizioni.
- (1967). *Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias*. Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática.
- (1966). *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*. Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática.
- (1960). *Obra Poética*. Organização, introdução e notas de Maria Aliete Galhoz. Rio de Janeiro: Aguilar.
- PESSOA, Fernando; BARBA-JACOB, Porfirio (2012). *Todos los sueños del mundo* | *Todos os sonhos do mundo*. *Poemas*. Edição bilingue com prefácio e notas, Jerónimo Pizarro; tradução de Jerónimo Pizarro e Gastão

- Cruz; colaboração de Paloma Fernández. Medellín: Tragaluz.
- PETRUCCI, Armando (2002). *Prima lezione di paleografia*. Roma: Laterza.
- (1995). *Writers and Readers in Medieval Italy: studies in the history of written culture*. Tradução de Charles M. Radding. Londres-New Haven: Yale University Press.
- PIRANDELLO, Luigi (1973). *Tutti i romanzi*. Edición de Giovanni Macchia; colaboración de Mario Costanzo. Milão: Mondadori. 2 vols.
- PITTELLA, Carlos; PIZARRO, Jerónimo (2017). *Como Fernando Pessoa Pode Mudar a Sua Vida: primeiras lições*. Lisboa: Tinta-da-china. Coleção Pessoa. (publicado em 2016, no Rio de Janeiro, pela Tinta-da-china Brasil).
- PIZARRO, Jerónimo (2013). *Alias Pessoa*. Valencia: Pre-Textos. Coleção Textos y Pretextos.
- (2012a). *La mediación editorial: sobre la vida póstuma de lo escrito*. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt am Main: Vervuert.
- (2012b). *Pessoa Existe?*. Lisboa: Ática. Ensáistica Pessoaana.
- (2007). *Fernando Pessoa: entre génio e loucura*. Lisboa: INCM. Coleção Estudos.
- PIZARRO, Jerónimo; FERRARI, Patricio (2011). «Uma biblioteca em expansão: sobrecapas de livros de Fernando Pessoa» | A Growing Library: dust jackets from Fernando Pessoa's book collection». *Pessoa: revista de ideias*, n.º 3. Lisboa, Junho, pp. 58-96.
- PIZARRO, Jerónimo; FERRARI, Patricio; CARDIELLO, Antonio (2010). *A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa*. Lisboa: Dom Quixote. Acervo Casa Fernando Pessoa.
- PORTELA, Manuel (2013). «Nenhum Problema Tem Solução: um arquivo digital do LdoD», *Projeto LdoD*, Projeto financiado pela FCT (<https://projetoldod.wordpress.com/2013/10/18/nenhum-problema-tem-solucao-um-arquivo-digital-do-ldod/>).
- PRISTA, Luís (2003). «O melhor do mundo não são as crianças», em Ivo Castro e Inês Duarte (eds.). *Razões e emoção. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus*. Lisboa: INCM, pp. 217-238.
- RAMALHO, Maria Irene (2013). «'O Deus que Faltava': Pessoa's Theory of Lyric Poetry», em *Fernando Pessoa's Modernity Without Frontiers. Influences, Dialogues and Responses*. Organização de Mariana de Castro. Woodbridge: Tamesis, pp. 23-35.
- (2003). *Atlantic Poets: Fernando Pessoa's Turn in Anglo-American Modernism*. Hanover, Londres: University Presses of New England (versão portuguesa: *Poetas do Atlântico: Fernando Pessoa e o modernismo anglo-americano*. Porto: Edições Afrontamento, 2007).
- ROBERTSON, John M. (1907). *Pioneer Humanists*. Londres: Watts & Co. (CFP, 1-129) (<http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/bdigital/1-129>).
- SANTOS, Gilda (2006) (org.). *Fernando Pessoa, Outra vez te revejo*. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura/Lacerda Editores.
- SARAIVA, Arnaldo (1981). «Fernando Pessoa e Jorge de Sena», *Persona*, n.º 5, Porto, Centro de Estudos Pessoaanos, Abril, pp. 23-37.
- SARAIVA, Mário (1990). *O Caso Clínico de Fernando Pessoa*. Posfácio de Luís Duarte Santos. Lisboa: Referendo.
- SEGRE, Cesare (2008). *Dai metodi ai testi. Varianti, personaggi, narrazioni*. Turim: Aragno.
- (1999). *Le varianti e la storia*. Turim: Bollati Boringhieri.
- SENA, Jorge de ([1982] 2000). «Os poemas de Fernando Pessoa contra Salazar e contra o Estado Novo» [1974], em *Fernando Pessoa & Cª Heterónima (estudos coligidos 1940-1978)*. 3.ª ed. revista e aumentada. Lisboa: Edições 70, pp. 255-261.
- (1979). «Inédito de Jorge de Sena sobre o Livro do Desassossego», *Persona*, n.º 3, pp. 3-40.
- SHILLINGSBURG, Peter (1996 [1986]). *Scholarly Editing in the Computer Age: theory and practice*. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- SIMÕES, João Gaspar (1950). *Vida e Obra de Fernando Pessoa: história de uma geração*. Amadora: Bertrand. 2 tomos.
- SOUSA, João Rui de (1988). «Fernando Pessoa e o Estado Novo», *JL, Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n.º 310, Lisboa, 14 de Junho, pp. 10-13.
- STEVENS, Wallace (1997). *Collected Poetry and Prose*. Edição de Frank Kermode e Joan Richardson. Nova Iorque: Library of America.
- STOKER, Michaël (2009). *Fernando Pessoa: De fictie vergezelt mij als mijn Schaduw*. Utrecht: Uitgeverij Ijzer.
- TABUCCHI, Antonio (1990). *Un baule pieno di gente: scritti su Fernando Pessoa*. Milão: Feltrinelli Editore.
- TANSELLE, G. Thomas (1976). «The Editorial Problem of Final Authorial Intention», *Studies in Bibliography*, n.º 29, pp. 167-211.
- URIBE, Jorge (2016). «Autor in fabula: Fernando Pessoa

contista», *Pessoa Plural* — *A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 9, Primavera, pp. 564-570.

- VANDER MEULEN, David L.; TANSELE, G. Thomas (1999). «A system of manuscript transcription», *Studies in Bibliography*, vol. 52, The Bibliographical Society of the University of Virginia, pp. 201-212.
- WHITMAN, Walt [1895]. *Poems by Walt Whitman*. Edição de William Thomas Stead. Londres: «Review of Reviews» Office. The Penny Poets, n.º xxvii. (CFP, 8-664 MN) (<http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/bdigital/8-664MN>).

- WIESSE, Jorge (2010). *Otros textos: apropiaciones, 1989-2009*. Lima: Universidad del Pacifico, 2010.
- WIMSATT, William; BEARDSLEY, Monroe (1946). «The Intentional Fallacy», *The Sewanee Review*, vol. 54, n.º 3, pp. 468-488.
- (1954). *The Verbal Icon: studies in the meaning of poetry*. Lexington: University of Kentucky Press.
- ZENITH, Richard (2008). «A importância de não ser Oscar? Pessoa tradutor de Wilde», *Egoísta*, número especial, Lisboa, Junho, pp. 30-47.



NOTA BIOGRÁFICA

Professor, tradutor, crítico e editor, Jerónimo Pizarro é o responsável pela maior parte das novas edições e novas séries de textos de Fernando Pessoa publicadas em Portugal desde 2006. Professor da Universidade dos Andes, titular da Cátedra de Estudos Portugueses do Instituto Camões na Colômbia e Prémio Eduardo Lourenço (2013), Pizarro voltou a abrir as arcas pessoanas e redescobriu «A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa», para utilizar o título de um dos livros da sua bibliografia. Foi o comissário da visita de Portugal à Feira Internacional do Livro de Bogotá (FILBo) e coordena há vários anos a visita de escritores de língua portuguesa à Colômbia. É co-editor da revista *Pessoa Plural* e assíduo organizador de colóquios e exposições. Escreveu, com Carlos Pittella, o ensaio *Como Fernando Pessoa Pode Mudar a Sua Vida* (2017), também publicado no Brasil. Dirige desde 2013 a Coleção Pessoa na Tinta-da-china, em Portugal e no Brasil, que inclui novas edições das obras completas de Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis, do *Livro do Desassossego*, do *Fausto*, do teatro e dos textos políticos de Pessoa, além de vários ensaios sobre o universo literário pessoano.

LER PESSOA

FOI COMPOSTO EM CARACTERES FILOSOFIA
E VERLAG, E IMPRESSO NA EIGAL, INDÚSTRIA GRÁFICA,
SOBRE PAPEL CORAL BOOK DE 80 G/M²,
NO MÊS DE ABRIL DE 2018.

